

Fernando Pessoa no mundo: figura, tradução e diálogos interculturais

[Fernando Pessoa in the world:
figure, translation, and intercultural dialogue]

Cristina Zhou*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Tradução, Receção internacional, Paratextos, Diálogo intercultural.

Resumo

Moderno e clássico, apreciado por leitores de todo o mundo, Fernando Pessoa continua, através das inúmeras edições e traduções da sua obra, a estimular uma comunicação dinâmica entre diferentes línguas e tradições literárias. No contexto atual dos diálogos interculturais, importa refletir sobre os modos como Pessoa é apresentado aos leitores internacionais, com particular atenção aos paratextos editoriais e à construção visual da figura do autor, frequentemente oscilando entre a sua pluralidade heteronímica e a centralidade do *Livro do Desassossego*. Com esse objetivo, analisam-se algumas das mais recentes traduções da obra pessoana publicadas na Ásia e na Europa, selecionadas pelo seu caráter inovador, de modo a identificar tendências contemporâneas de receção e a perspetivar as suas potencialidades.

Keywords

Fernando Pessoa, Translation, International reception, Paratexts, Intercultural dialogue.

Abstract

Modern and classical, widely read across the globe, Fernando Pessoa continues, through the many editions and translations of his work, to foster a dynamic exchange between different languages and literary traditions. In the current context of intercultural dialogue, it is worth examining how Pessoa is presented to international readers, with particular attention to editorial paratexts and the visual construction of the author's figure, often oscillating between his heteronymic plurality and the centrality of *The Book of Disquiet*. To this end, this article analyses a selection of recent translations of Pessoa's work published in Asia and Europe, chosen for their innovative character, in order to identify contemporary trends in reception and to outline their potentialities.

* Universidade de Coimbra.



A literatura, como sugere Italo CALVINO, “dovrebbe appunto stare in mezzo ai linguaggi diversi e tener viva la comunicazione tra essi” (1994: 204) [deveria precisamente estar no meio das diversas linguagens e manter viva a comunicação entre elas]. No caso de Fernando Pessoa, autor amplamente apreciado e estudado em todo o mundo, essa comunicação dinâmica entre línguas e culturas manifesta-se de forma particularmente evidente nas numerosas edições e traduções da sua obra – uma herança intelectual que pertence, simultaneamente, a Portugal e a um horizonte mais amplo, de vocação universal.

Nesse contexto, entendemos a tradução não apenas como a passagem da obra pessoana de uma língua para outra, mas num sentido alargado, que inclui também os processos de adaptação e reconfiguração da sua escrita em distintos ambientes culturais e tradições intelectuais. Tal perspetiva abrange ainda a transposição da figura e da obra do poeta para outros meios comunicativos e artísticos – do livro às artes gráficas, passando pelo cinema, pela televisão, pelos vídeos de curta duração, pelos *podcasts* ou mesmo por dispositivos de mediação cultural, como guias turísticos –, entendidos igualmente como formas de tradução.

A partir das recentes traduções que nos foram disponibilizadas, identificamos um conjunto de tendências relevantes que permitem evidenciar o potencial da obra de Fernando Pessoa para fomentar formas cada vez mais complexas e eficazes de diálogo intercultural.

Para enquadrar esta análise, partimos de uma breve reflexão teórica sobre o conceito de turismo literário, entendido como um campo de interseção entre práticas de leitura, mediação cultural e experiência do espaço. É nesse quadro que situamos Pessoa e as traduções da sua obra, cuja circulação internacional tem desempenhado um papel significativo na projeção de Lisboa e de Portugal enquanto destinos de turismo literário.

Nesse sentido, centraremos particularmente as nossas observações na forma como essas traduções contribuem para a construção e dinamização de itinerários, representações e práticas associadas a esse tipo de turismo.

Para um breve enquadramento teórico do turismo literário, importa referir que se trata de um nicho do turismo cultural que se cruza com o turismo patrimonial, designando a prática de visitar lugares associados a escritores e às suas obras (QUINTEIRO & BALEIRO, 2019: 35-36). No meio académico, o interesse por esta intersecção entre estudos turísticos e literários tem crescido de forma gradual, abrindo possibilidades de articulação entre a análise académica e a indústria cultural, com os seus inerentes interesses comerciais e políticos (HENDRIX, 2014: 20-21). Em Portugal, porém, o potencial do turismo literário permanece ainda largamente por explorar, sendo que “a maioria dos itinerários existentes [é] direcionada para uma vertente mais educativa” (SOUSA & ANJO, 2020: 189). Mais adiante, analisaremos o posicionamento de Fernando Pessoa neste panorama.

Para organizar esta leitura intercultural, começaremos pelas edições mais recentes em inglês encontradas em Portugal; passaremos, em seguida, pelas situações observadas na China e na Itália; prosseguiremos com uma incursão pelas novidades em França e na Coreia do Sul; e concluiremos com uma apreciação das traduções recentes, particularmente bem-sucedidas, na Polónia e na República Checa. Iniciemos, assim, este percurso pela figura de Pessoa, na sua notável diversidade.

Num país tipicamente turístico como Portugal – onde, segundo uma notícia do jornal *Expresso* de 14 de agosto de 2025, o turismo representa 16,6% do PIB –, torna-se fundamental aproveitar, valorizar e cultivar a curiosidade cultural dessa vasta comunidade de visitantes. Entre os turistas que chegam ao país, encontra-se certamente um segmento significativo de viajantes – ou mesmo de peregrinos literários – que, motivados pela leitura da obra pessoana, procuram contactar com os lugares associados à sua vida e à sua escrita.

Paralelamente a essa procura, porém, observa-se a persistente conversão de Pessoa em produto comercial – um fenómeno cujo excesso já foi assinalado na década de 1980 e que continua hoje visível na quase omnipresente reprodução da imagem do poeta em “produtos típicos” e *souvenirs* (louças, postais, objetos de cortiça, têxteis, entre outros), frequentemente de qualidade desigual e, não raras vezes, próximos do *kitsch*. Esse processo revela uma tensão significativa: se, por um lado, a figura de Pessoa, ainda que intensamente mercantilizada, é promovida e reconhecida internacionalmente como elemento central da identidade cultural portuguesa, por outro, a ausência de uma mediação mais criteriosa no contexto do turismo contribui para a sua redução a formas superficiais de consumo cultural.

O fenómeno pode ser ainda compreendido à luz do conceito de “santo cultural”, tal como proposto por DOVIĆ & HELGASON (2017) e desenvolvido, para o caso pessoano, por Antonio SÁEZ DELGADO (2025): à semelhança de Luís de Camões ou Francesco Petrarca, Pessoa é progressivamente consagrado como poeta nacional e ícone canónico internacional. A transladação dos seus restos mortais, em 1985, para o Mosteiro dos Jerónimos – um dos monumentos mais emblemáticos e visitados do país – reforça essa dimensão simbólica.

Se é inegável que o culto a Pessoa permanece vivo e amplamente difundido, importa, contudo, qualificá-lo. Considerando que os turistas literários tendem a procurar experiências mais autênticas, mediadas pela leitura e pela interação com os lugares literários (WATSON, 2022: 93), torna-se necessário promover formas de mediação cultural mais exigentes e inspiradoras – através de edições cuidadas, visitas guiadas e outros dispositivos que favoreçam um contacto mais profundo e significativo com a obra pessoana.

Observámos uma iniciativa particularmente estimulante na FNAC do aeroporto de Lisboa, onde se encontra uma estante dedicada exclusivamente à obra de Fernando Pessoa. Nela, predominam as edições bilingues da editora independente Lisbon Poets & Co., com ilustrações de André Carrilho. Nas capas destas antologias

(Fig. 1), Pessoa surge com os traços já estereotipados – chapéu, óculos espessos, nariz alongado –, numa imagem amplamente difundida e facilmente reconhecível em lojas de *souvenirs* por todo o país.

Do ponto de vista editorial, trata-se de volumes acessíveis (em formato, peso e preço), que abrangem, com traduções cuidadas, várias línguas ocidentais (espanhol, francês, italiano, inglês, alemão) e algumas asiáticas (identificámos edições em japonês e em chinês, curiosamente dispostas de forma desigual na estante). A mesma coleção inclui outros autores do cânone português, como Luís de Camões, apresentado como um poeta global em edições organizadas por Helder Macedo e Thomas Earle, bem como Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro, Florbela Espanca e Camilo Pessanha, configurando um núcleo de autores frequentemente associados a Lisboa e, em alguns casos, à própria constelação pessoana.

Esse tipo de iniciativa – à semelhança de outras, como as antologias promovidas pela Livraria Lello ou os projetos editoriais recentes da Shantarin – merece uma análise mais detida, não só quanto à seleção de autores e às relações que estabelecem com Pessoa, mas também no que diz respeito às estratégias de mediação adotadas nos paratextos introdutórios e ao seu impacto em circuitos de circulação associados ao turismo. Com efeito, a presença desses livros em espaços de grande afluência, como aeroportos ou livrarias emblemáticas, sugere uma articulação crescente entre difusão literária e consumo cultural.

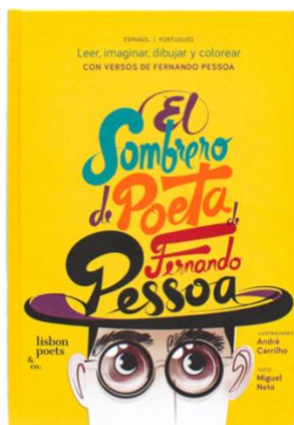


Fig. 1. Capa de *El Sombrero*

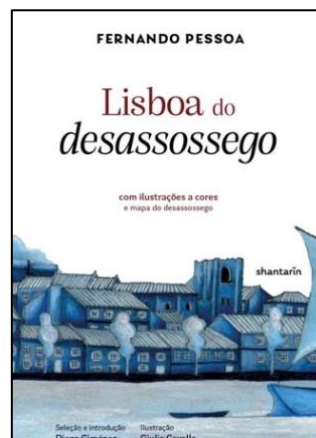


Fig. 2. Capa de *Lisboa do Desassossego*.

No caso da Shantarin, por exemplo, destaca-se a publicação de uma antologia do *Livro do Desassossego* (2025), com seleção de Diego Giménez (Fig. 2), bem como a anunciada *Lisboa de Bernardo Soares* (2026), concebida como um verdadeiro “travel companion”, orientado para o turista literário interessado em percorrer a cidade através da escrita pessoana. Em paralelo, a editora tem publicado autores como Luís de Camões – em edições que o apresentam ao mesmo tempo como figura central do Renascimento e como autor contemporaneamente relevante –, reforçando um cânone literário muito associado a Lisboa e projetado para um público internacional.

Por seu lado, a Livraria Lello lançou, em agosto de 2025, três antologias (*Poemas Portugueses*, *Lendas Portuguesas* e *Contos Portugueses*) com o objetivo de divulgar a literatura nacional junto de um público alargado. Segundo a sua diretora, Francisca Pedro Pinto, as edições procuram dar a conhecer Portugal “na sua língua, na sua memória e na sua imaginação”, ecoando uma conceção da literatura como expressão identitária, próxima de um certo patriotismo linguístico de matriz romântica. Nesse contexto, Pessoa surge lado a lado com D. Dinis, Camões e tradições anónimas do imaginário popular, integrando-se num quadro mais amplo de representação da cultura portuguesa.

Em Coimbra, cidade universitária que acolhe igualmente um elevado número de visitantes internacionais, encontrámos, na secção de livros em inglês da muito frequentada Livraria Almedina, uma edição recentíssima da antologia poética de Fernando Pessoa (Fig. 3), intitulada *I Am the Size of Whatever I See*. Trata-se de um volume simples, elegante e ágil, traduzido por Calvin Olsen, poeta e professor na Ohio State University, e publicado pela Bertrand em julho de 2025, a um preço particularmente acessível (5,50 euros). Tudo sugere tratar-se de um produto editorial pensado para o público anglófono – em especial para turistas britânicos e norte-americanos que visitam Portugal em grande número.

De facto, segundo dados do Turismo de Portugal, os britânicos constituíram, em 2024, o principal contingente de visitantes estrangeiros, enquanto os Estados Unidos figuram entre os mercados emissores com maior crescimento recente. Assim, esta edição parece propor uma imagem específica de Pessoa para o leitor anglófono, potencialmente já familiarizado com traduções e estudos amplamente divulgados, como os de Richard Zenith – incluindo edições do *Livro do Desassossego* e antologias como *A Little Larger Than the Univers*, bem como a biografia do poeta.

Importa, contudo, considerar em que medida o facto de Pessoa ter sido um autor bilingue, com formação anglo-saxónica, é mobilizado – explícita ou implicitamente – como elemento de identificação e de legitimação junto desse público. A exploração (ou ausência) dessa dimensão poderá revelar diferentes estratégias de mediação cultural no contexto da sua receção em língua inglesa.

Dito isso, ao observar a breve apresentação de Pessoa no início de *I Am the Size of Whatever I See*, nota-se que a figura do escritor é construída sobretudo em chave simbólica e nacional: Pessoa surge como um verdadeiro *genius loci* de Lisboa e de Portugal – “Pessoa and Lisbon will forever be one and the same for the Portuguese people”; “[...] he stands, as did his predecessor, Luís de Camões, as the ultimate exponent of the beauty, quality, and importance of Portuguese poetry” (PESSOA, 2025: 15). Estamos, assim, perante a tendência já referida de consagrar Pessoa como um “santo cultural”, central na definição da identidade nacional.

Paralelamente, mantém-se a habitual fusão entre Pessoa e Bernardo Soares, perpetuando-se o mito do génio discreto e incompreendido: “A bookkeeper by profession, Pessoa was and is, in the end, many things, but he preferred to live almost

always in anonymity” (PESSOA, 2025: 15). Mais significativo ainda é o facto de, ao contrário de outras antologias em língua inglesa, esta edição omitir qualquer referência ao bilinguismo de Pessoa ou à sua formação anglo-saxónica na África do Sul. Tal ausência torna-se tanto mais relevante quanto esse traço tem sido frequentemente mobilizado como elemento de aproximação ao leitor anglófono; importa, por isso, questionar em que medida essa opção editorial redefine o modo de apresentar Pessoa nesse contexto.

O título da antologia, *I Am the Size of Whatever I See*, oferece, por sua vez, uma pista interpretativa sugestiva. Trata-se de uma tradução parcial do célebre verso de Alberto Caeiro – “Porque eu sou do tamanho do que vejo, | E não do tamanho da minha altura” – presente n’*O Guardador de Rebanhos* e retomado no *Livro do Desassossego*. Ao optar por traduzir o “o” por “whatever”, Calvin Olsen introduz uma nuance de abertura e indeterminação que aproxima o verso de uma dicção mais expansiva, potencialmente ressonante para o leitor norte-americano. Nesse sentido, o título parece insinuar – ainda que sem o explicitar – uma afinidade com a tradição poética de Whitman, cuja presença na formação de Pessoa é amplamente reconhecida pela crítica.

Essa afinidade tem sido pensada de múltiplas formas: da leitura de Harold Bloom, que vê em Álvaro de Campos um “Whitman renascido”, às reflexões de Eduardo Lourenço sobre a “ansiedade da influência”, ou ainda à perspectiva de Irene Ramalho Santos, que propõe uma lógica de “interpoesia” fundada no intercâmbio entre línguas e culturas. Também Richard Zenith sublinha o papel decisivo de Whitman como uma das influências mais marcantes na obra pessoana. Nesse quadro, estudos como os de Margarida Vale de Gato evidenciam como práticas de tradução e reescrita – nomeadamente a partir de Whitman e Edgar Allan Poe – foram determinantes na transformação da versificação de Pessoa e na própria arquitetura do heteronimismo.

Contudo, essa dimensão intertextual e transnacional não é tematizada na breve nota introdutória da edição, permanecendo apenas sugerida no título, que, além de truncado, carece de contextualização. A ausência de uma nota do tradutor – ele próprio, poeta – priva o leitor de um possível espaço de reflexão sobre essas escolhas. Assim, se a edição privilegia uma imagem nacional e icónica de Pessoa, a sua dimensão cosmopolita surge apenas de forma implícita, quando não atenuada. Paradoxalmente, é talvez na voz de Caeiro – cuja presença se adivinha, ainda que de forma discreta – que esse encontro “inter-nacional” se torna mais legível.

Voltando à frase “Eu sou do tamanho do que vejo, | E não do tamanho da minha altura”, agora contextualizada num trecho do *Livro do Desassossego* – veja-se o fragmento datado de 24 de março de 1930 –, podemos compreender melhor a sua potencialidade à luz das palavras de Fernando Pessoa / Bernardo Soares: “frases como estas, que parecem crescer sem vontade que as houvesse dito, limpam-me de toda a metafísica que espontaneamente acrescento à vida” (PESSOA, 2014: 305).

Considerando esta força libertadora e anti-metafísica, a opção por “whatever” – mais expansiva do que o mais neutro “what” – revela-se particularmente sugestiva.

Importa reconhecer, contudo, que a linguagem aparentemente simples e tautológica de Alberto Caeiro deixa pouco espaço para soluções tradutórias criativas. Ainda assim, o tradutor-poeta parece ter sido perspicaz ao explorar uma tonalidade que podemos aproximar de Walt Whitman, de modo a evidenciar a dinâmica própria da poesia caeriana: uma poesia que recusa tanto a herança romântica quanto as suas reformulações neo-idealistas – nomeadamente as associadas a Friedrich Wilhelm Joseph Schelling –, ao mesmo tempo que rompe com a tradição epistemológica ocidental centrada na busca incessante de significados (num gesto que Álvaro de Campos qualificaria como “anti-aristotélico”).

Nesse sentido, poder-se-á reconhecer em Caeiro uma sensibilidade afinada com certas correntes do pensamento e da poesia anglo-americanos, em particular com o pluralismo que, no início do século XX, William James opõe ao “vício do intelectualismo” e ao monismo do idealismo absoluto. A valorização das experiências concretas e singulares – o “each-form” em detrimento do “all-form” – encontra ressonância, como observa Seamus PERRY (2026), em autores como G. K. Chesterton, William Shakespeare, Robert Browning, bem como no próprio Whitman ou em W. H. Auden. Nesse horizonte, Pessoa – e em particular Caeiro – pode ser pensado como participante de uma constelação mais ampla, para além das fronteiras nacionais.

O recente impulso editorial em língua inglesa parece, aliás, favorecer este reposicionamento. Desde 2020, a editora nova-iorquina New Directions tem vindo a publicar edições abrangentes da obra pessoana, procurando apresentar o seu projeto modernista na sua plena complexidade. Entre elas, destaca-se *The Complete Works of Ricardo Reis*, edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe, com tradução de Margaret Jull Costa e Patricio Ferrari, e capa de Peter Mendelsund. A receção crítica das edições (Fig. 3) confirma a sua relevância: a mais recente foi incluída pelo *Los Angeles Times* (21 de fevereiro de 2026) na lista “20 Books We Can’t Wait to Read”, onde Pessoa é apresentado como um grande mestre modernista – o “James Joyce de Portugal” – dotado de um notável poder de proximidade com o leitor.



Fig. 3. Diversas capas das edições de New Directions.

Parece-nos que a mesma estratégia – a de apresentar Fernando Pessoa como uma figura facilmente reconhecível no interior de uma determinada tradição cultural, favorecendo assim a sua receção – se verifica também na China. Nos últimos anos, num contexto marcado pela proliferação de vídeos curtos e publicações breves nas redes sociais, pequenos excertos da obra pessoana – por vezes apenas um verso, ou mesmo meio verso – têm vindo a circular amplamente, adquirindo ocasionalmente estatuto “viral”.

Um exemplo particularmente significativo é o do poema “Cada dia sem gozo não foi teu”, de Ricardo Reis, na tradução do poeta Yao Feng: “你不快乐的每一天都不是你的” [cada dia em que não foste feliz não foi teu]. Explorando com agilidade a plasticidade da língua poética chinesa – que, à semelhança da pintura tradicional, valoriza o uso expressivo do vazio, nomeadamente através da técnica de *liubai* (留白) –, o tradutor aproxima a dicção de Reis de um horizonte cultural que privilegia a simplicidade, a contenção e a atenção aos pequenos prazeres quotidianos. O resultado é um Ricardo Reis mais direto e imediatamente comunicativo, em ressonância com sensibilidades marcadas, entre outros fatores, pelo taoismo e pelo budismo zen.

Não surpreende, por isso, que a vertente da obra pessoana que tem conhecido maior difusão recente na China seja a poesia de Alberto Caeiro. Destaca-se, nesse contexto, a antologia publicada em 2021, em Xangai e Pequim, com tradução (a partir do inglês) do poeta Cheng Yishen. O título chinês – “我将宇宙随身携带：佩索阿诗集” [Trago comigo o universo: antologia poética de Pessoa] – é acompanhado pela versão inglesa *I Carried the Universe with Me: The Collected Poems of Alberto Caeiro* (Fig. 4). A expressão “我将宇宙随身携带” adquiriu tal circulação que a editora passou a utilizá-la em diversos produtos culturais (cadernos, canetas, bolsas, entre outros), evidenciando um processo de apropriação que prolonga a receção literária no domínio do consumo simbólico.

A nosso ver, trata-se de um Alberto Caeiro “reconfigurado” de forma excessivamente simplificada, que tende a apagar a dimensão tautológica e paradoxal da linguagem do mestre, aproximando-o da imagem, sugerida desde a capa, de um poeta inocente que procura apreender a natureza com a máxima clareza sensorial. Como se lê na apresentação: “以纯粹感受把握自然 | 不思考 是唯一的纯真 | | [...] 阿尔贝托·卡埃罗”, isto é, “compreender a natureza através das sensações puras | não pensar é a única pureza | | [...] Alberto Caeiro”. Em consonância com essa leitura, o design da capa – dominado por um verde suave, evocativo da natureza, e pela imagem de um jovem Fernando Pessoa – reforça uma ideia de leveza e serenidade que certamente responde às expectativas de um público em busca de experiências estéticas apaziguadoras.

No entanto, essa caracterização levanta problemas críticos. Por um lado, a redução de Pessoa / Caeiro a um poeta “inocente” e “sereno” tende a simplificar excessivamente a complexidade do seu projeto poético; por outro, a frequente associação de Caeiro ao Zen merece ser examinada com maior rigor. Com base num estudo

aprofundado do budismo, Paulo BORGES argumenta que Caeiro “não pode de modo nenhum ser considerado um poeta Zen” (2016: 125), sublinhando a divergência entre o conceito budista de vacuidade e a tese caeiriana da existência substancial das “coisas”, bem como a ausência de uma ética da compaixão. Em sentido diverso, autores como Richard Zenith e Santiago U. Dibar, inspirados na leitura do Zen proposta por D. T. Suzuki, reconhecem na poesia de Caeiro uma afinidade de ordem espiritual, ainda que não sistemática.

Tal divergência sugere que o eventual contacto de Pessoa com o Zen terá sido sobretudo indireto ou intuitivo, podendo ser entendido como parte da sua reação às filosofias críticas e idealistas europeias – de Immanuel Kant ao idealismo alemão. Como advertia Jorge Luis Borges, o budismo não constitui um sistema homogêneo, mas antes uma pluralidade de tradições e interpretações, o que, de resto, encontra algum eco na própria heterogeneidade do universo pessoano.

Ainda assim, se considerarmos o Zen enquanto prática vivida – centrada na atenção ao quotidiano e na busca de uma forma de iluminação nos gestos mais simples –, poder-se-ia argumentar que o heterónimo que mais se aproxima dessa sensibilidade é Ricardo Reis, e não Caeiro. Com efeito, enquanto a poesia de Caeiro se afirma como uma energia imediata e desestabilizadora, que tensiona os limites do discurso, a de Reis tende a um equilíbrio formal e a uma disciplina que a tornam mais compatível com uma ideia de serenidade contemplativa.



Fig. 4. *Antologia poética*.

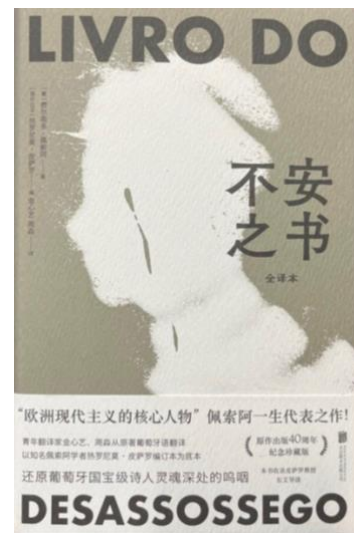


Fig. 5. *Livro do Desassossego*.

Embora a imagem de Fernando Pessoa como sábio ou mestre seja, em geral, bem acolhida por muitos leitores chineses, o autor continua a ser conhecido sobretudo como o criador altamente original do *Livro do Desassossego* (不安之书). Em 2022, pelas editoras Elegance e Beijing United Publishing Company (Fig. 5), foi publicada a primeira tradução direta do português para o chinês dessa obra, a partir da edição de Jerónimo Pizarro (2014, Tinta-da-china).

A capa, de desenho discreto e sólido, apresenta a figura do escritor de forma quase evanescente: uma silhueta vaga, de tonalidade melancólica, que simultaneamente convida e interpela o leitor. Quanto à tradução, realizada por Jin Xinyi e pela autora deste estudo – responsável, respetivamente, pela primeira e pela segunda parte da obra –, procurou-se preservar, tanto quanto possível, o ritmo singular do texto, explorando a elasticidade da linguagem poética chinesa. O objetivo foi apresentar Pessoa na sua complexidade e profundidade: um génio literário de natureza mercurial, atravessado por uma inquietação persistente, mas também capaz de surpreender pela sua intensidade expressiva.

Segundo o feedback recolhido no *podcast* realizado pela editora Elegance no final de 2022, com a participação dos escritores Zhao Song e Yu Shi, essa tradução foi amplamente bem recebida. Vários autores chineses sublinharam, em particular, a importância da apresentação de Jerónimo Pizarro, não apenas como introdução à obra, mas como um verdadeiro instrumento de mediação cultural. Com efeito, a apresentação – posteriormente publicada na revista *Literatura de Macau* – revela de forma clara as inovações que Fernando Pessoa introduz na língua portuguesa, ao mesmo tempo que enquadra a sua ambição literária num horizonte mais vasto, sintetizado na expressão “um novo imperador da sua língua” (PIZARRO, 2013: 25).

Para leitores formados numa tradição cultural marcada, durante séculos, pela ideia de império, essa metáfora adquire uma ressonância particular, permitindo interpretar o projeto pessoano como uma forma de soberania simbólica e espiritual. Por outro lado, a figura de Bernardo Soares – já conhecida de um nicho de leitores há pelo menos duas décadas – ganha aqui nova densidade, ao ser situada não apenas como expressão de uma subjetividade fragmentada, mas também como parte de uma poética da cidade moderna. Nesse sentido, o *Livro do Desassossego* tem sido frequentemente lido como um texto capaz de dialogar com experiências urbanas contemporâneas, marcadas pelo cansaço, pela insónia e pela sensação de desencontro.

Nesse contexto, poder-se-á afirmar que, na China contemporânea, Pessoa é progressivamente reconhecido como um autor central da modernidade literária, com uma receção diversificada e em expansão. Em resposta ao interesse crescente, encontram-se em preparação novas publicações, entre as quais uma antologia de poesia e prosa, bem como a tradução chinesa de *Fernando Pessoa: A Biography*, de Richard Zenith, e ainda a correspondência amorosa do poeta com Ofélia Queiroz, a publicar pela editora Goldmye.

Se, na China, Fernando Pessoa parece atravessar um momento de particular visibilidade, sendo frequentemente apresentado como uma figura central da literatura portuguesa, no contexto italiano o panorama revela-se mais matizado. Dada a longa e intensa presença de Pessoa em Itália – em grande parte mediada por tradutores e leitores como Antonio Tabucchi –, não observámos nas livrarias visitadas uma presença particularmente destacada da sua obra; ainda assim, notámos a existência de formas de receção mais difusas, nomeadamente nas redes sociais, como o

Instagram, onde parece persistir um certo “culto” a Pessoa, sobretudo enquanto autor do *Livro do Desassossego*, como veremos adiante.

Com efeito, nas várias livrarias que visitámos em diferentes cidades italianas, a obra pessoana não se revelou imediatamente visível. Foi apenas no centro de Bolonha, na Librerie.coop Zanichelli, que encontrámos *Il libro dell'inquietudine* (Fig. 6), na tradução de Antonio Tabucchi e Maria José de Lencastre, publicado na coleção Universale Economica Feltrinelli – Classici (2020). A capa articula a silhueta de Pessoa – com os seus traços iconográficos habituais – com uma imagem marítima que remete para um imaginário atlântico associado a Portugal.



Fig. 6. *Livro do Desassossego*, edição Feltrinelli.

Durante o mês de agosto, em Perugia, visitámos por diversas vezes a livraria Feltrinelli do centro histórico, sem aí encontrar obras de Pessoa; em contrapartida, observámos a presença de autores portugueses como José Saramago, bem como de *Sostiene Pereira* (1994), romance de Antonio Tabucchi que desempenhou um papel decisivo na difusão da cultura portuguesa em Itália. Esses dados, ainda que limitados, sugerem que a visibilidade editorial de Pessoa pode variar significativamente consoante os contextos de circulação e exposição.

Por outro lado, a presença de Pessoa na cultura literária italiana manifesta-se também por vias indiretas e intertextuais. Um exemplo significativo é o conto *Sostiene Pessoa*, de Andrea Camilleri, incluído na coletânea *Gli arancini di Montalbano* (1999), onde a figura do poeta surge como um “raciocinador”, evocando o universo do decifrador Quaresma e dialogando, simultaneamente, com o legado de Tabucchi. Esse tipo de apropriação confirma a inscrição de Pessoa num horizonte cultural mais amplo, que ultrapassa a sua presença estritamente editorial.

Assim, mais do que situar Fernando Pessoa numa eventual proximidade com a tradição do *giallo* italiano – hipótese que exigiria maior fundamentação –, parece mais produtivo observar como a sua receção contemporânea em Itália se desloca,

em parte, para os espaços digitais. Com efeito, o “culto” a Pessoa que identificámos nas redes sociais manifesta-se sobretudo em torno do *Livro*, e encontra nos chamados *bookstagram* e *booktok* – comunidades de leitores no Instagram e no TikTok – um meio privilegiado de difusão, particularmente entre públicos mais jovens.

A natureza fragmentária do *Livro do Desassossego* parece favorecer essa circulação: excertos breves – frases, parágrafos ou mesmo meio-versos – adaptam-se com alguma facilidade aos formatos rápidos e visuais das redes, promovendo formas de leitura descontínuas, mas intensas. Num post de 25 de julho de 2024, por exemplo, a conta *Spazio.letteratura* (com cerca de 234 mil seguidores) recomenda a leitura de *Il libro dell'inquietudine* na tradução de Antonio Tabucchi, sugerindo uma abordagem aleatória, guiada pela serendipidade, uma vez que, nesse livro, “ogni frase ti trafigge” [cada frase te trespassa].

Essa receção evidencia a atualidade de um Bernardo Soares fragmentário e inquieto, cujas formulações breves e intensas continuam a interpelar leitores contemporâneos, encontrando nas novas formas de mediação digital um espaço de ressonância particularmente eficaz.

Segundo as informações que obtivemos através da nossa colega Eurídice Yu, que frequentou um curso de Verão em Besançon – cidade natal de Victor Hugo –, não foi possível encontrar obras de Fernando Pessoa nas livrarias visitadas, nem na Librairie Grand Forum Besançon, nem em espaços independentes. Trata-se, naturalmente, de um dado pontual, que não permite extrapolações sobre o conjunto do espaço francófono; ainda assim, contrasta com a visibilidade de outras formas de mediação recente da obra pessoana.

Com efeito, o sucesso da novela gráfica *L'intranquille Monsieur Pessoa* (2024), de Nicolas Barral, candidata ao Festival Internacional de Banda Desenhada de Angoulême 2025, bem como a sua rápida tradução portuguesa (*O Desassossegado Senhor Pessoa*), sugere que, também no contexto francófono, a figura de Pessoa tende a ser filtrada através do *Livro do Desassossego* (Fig. 7).

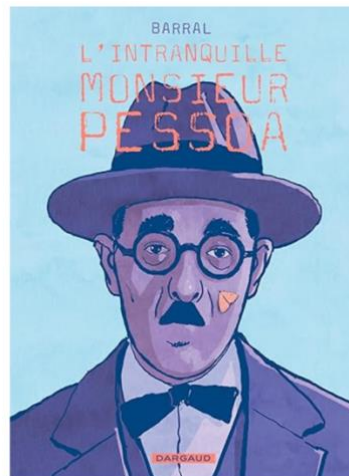


Fig. 7. *L'intranquille Monsieur Pessoa*.

Esse predomínio não deixa de ser revelador. Por um lado, o facto de o *Livro do Desassossego* ter conhecido a sua primeira edição apenas em 1982 contribuiu para que a sua receção internacional acompanhasse, desde o início, circuitos editoriais já globalizados e uma crescente “obsessão comemorativa” em torno de Pessoa. Por outro, a sua forma fragmentária favorece modos de leitura não lineares, particularmente ajustados às práticas contemporâneas – sejam elas digitais ou simplesmente marcadas por ritmos urbanos descontínuos.

Mas talvez haja ainda uma razão mais profunda para esse alcance: o *Livro do Desassossego*, com o seu tom íntimo e a sua oscilação entre registo reflexivo e ficcional, constrói uma figura de sujeito moderno – urbano, descentrado, em permanente crise identitária – que encontra ressonância num público internacional alargado. Nesse sentido, o protagonista surge como uma espécie de “consciência portátil” da modernidade, capaz de atravessar contextos culturais distintos e de dialogar com formas contemporâneas de inquietação e de *ennui*.

É possível identificar um quadro parcialmente semelhante na Coreia do Sul. Com a ajuda da nossa colega Yujeong Lee, estudante de Língua Portuguesa na Hankuk University of Foreign Studies, verificámos que, em Seul, a obra pessoana mais visível e mais facilmente encontrada em livrarias é o *Livro do Desassossego*, na tradução da escritora Bae Su-ah (Fig. 8).

Embora se trate, mais uma vez, de uma observação localizada, ela parece confirmar a centralidade da obra na circulação internacional de Fernando Pessoa. No caso da edição coreana, as capas – de design sóbrio e tendencialmente monocromático – sugerem uma apresentação editorial que privilegia a dimensão reflexiva e a gravidade do texto, aproximando-o de um certo imaginário de “clássico moderno”. Ainda que tais elementos paratextuais não determinem a leitura, contribuem para enquadrar a receção do autor junto de um público que poderá reconhecer, no protagonista do *Livro*, uma voz de introspeção intensa e de inquietação existencial.



Figs. 8a e 8b. Capas do *Livro do Desassossego*.

Vejamos agora alguns desenvolvimentos recentes na Polónia e na República Checa. Chegaram-nos duas edições que foram muito bem recebidas nos respetivos contextos nacionais e que, tanto quanto nos foi possível apurar, procuram apresentar o universo literário de Fernando Pessoa na sua excecional pluralidade. Tanto a versão polaca como a versão checa incluem textos não apenas dos principais heterónimos e do ortónimo, mas também de semi-heterónimos e de autores fictícios menos canónicos: por exemplo, a edição polaca integra Maria José, enquanto a checa inclui António Mora.

Essa ênfase na multiplicidade manifesta-se desde logo no plano visual. A capa da edição checa, de traço simples, mas expressivo, apresenta uma figura de Pessoa desdobrada – um corpo que sugere uma identidade “quatro-em-um”, caminhando por Lisboa, com os atributos iconográficos habituais. Já a edição polaca opta por um estilo retro que evoca a xilogravura do início do século XX, figurando – através das ilustrações de Pio Kaliński – um Pessoa em forma de *matryoshka*, desdobrado em várias figuras internas, orientadas em direções divergentes – uma solução visual que sugere, de modo eficaz, a tensão e a heterogeneidade constitutivas do escritor, reforçadas pelo contraste austero entre preto e branco.

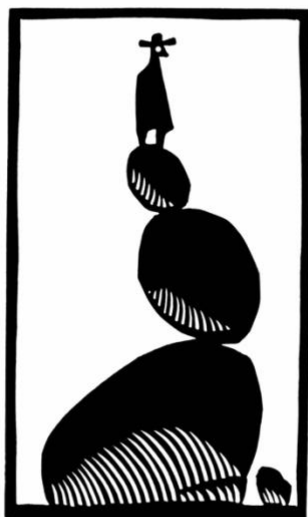
Ao longo da edição polaca, esse imaginário visual prolonga-se nas ilustrações, onde uma figura pessoana, simultaneamente abstrata e reconhecível, dialoga com elementos naturais, urbanos, marítimos e também religiosos – estes últimos insinuados, por exemplo, pela presença do símbolo da cruz. Em conjunto, as duas antologias parecem convergir na apresentação de Pessoa como um autor modernista de grande densidade e exigência, cuja pluralidade não exclui uma profunda seriedade intelectual. Nesse sentido, a sua figura é por vezes aproximada, ainda que implicitamente, da de Franz Kafka, outro escritor que, a partir de uma experiência individual marcada pela tensão e pela introspeção, enfrentou algumas das questões mais fundamentais da condição humana.

Em suma, com base nas informações reunidas, podemos dizer que Fernando Pessoa, através das reinterpretações dos seus tradutores – muitas vezes também escritores e poetas –, adapta-se de forma notavelmente flexível a diferentes contextos culturais: do *giallo* italiano aos *booktoks* chineses, da banda desenhada francófona às soluções visuais da xilogravura polaca. Conhecido sobretudo como autor do *Livro do Desassossego* e como criador dos heterónimos, Pessoa afirma-se, pela sua profundidade e amplitude, como uma figura simultaneamente clássica e moderna, capaz de dialogar com tradições literárias muito diversas.

No entanto, essa circulação internacional parece ser orientada por uma tensão constitutiva da sua obra: por um lado, a de um poeta plural, desdobrado em múltiplas vozes; por outro, a de um poeta fortemente associado a Lisboa e, em larga medida, condensado na receção global num único livro, o *Livro do Desassossego*. É precisamente essa dupla condição – poeta de múltiplos e poeta de um Livro – que parece estruturar as diferentes formas de apropriação internacional. Em alguns contextos,

privilegia-se a dimensão fragmentária, íntima e urbana de Bernardo Soares; noutros, destaca-se a arquitetura plural dos heterónimos como expressão de um modernismo radical. Essas leituras não são arbitrárias: dialogam com interesses específicos de cada cultura e com diferentes horizontes de expectativa, sendo também condicionadas por ritmos de receção desiguais. Nos espaços europeus e anglo-americanos, onde Pessoa circula há mais tempo, a sua obra foi acompanhada na sua própria evolução editorial e crítica, antes e depois da publicação do *Livro do Desassossego*; noutros contextos, essa obra tende a funcionar como porta de entrada privilegiada, reconfigurando retrospectivamente a imagem do autor.

Além disso, num tempo marcado por tensões e fraturas, torna-se particularmente relevante apostar nos diálogos interculturais, reforçando aquilo que ainda nos aproxima – se não o amor, pelo menos o interesse partilhado pela literatura. A obra de Pessoa, como toda a grande literatura, não apenas preserva um legado intelectual comum, mas também convoca as inquietações mais exigentes da condição humana. As suas potencialidades continuarão a renovar-se se persistirmos na sua divulgação e, sobretudo, na promoção de encontros – entre línguas, tradições e leitores – que façam da sua pluralidade não um obstáculo, mas um espaço vivo de mediação e de criação.



Figs. 9a, 9b, 9c e 9d. Quatro imagens cedidas por Pio Kaliński, "Heteronims" (2021), 9x13cm.

Bibliografia

- ANTUNES, Conceição (2025). "Portugal é o segundo país do mundo para onde os turistas dos Estados Unidos mais tencionam viajar em 2025". *Expresso*, Lisboa, 4 de Fevereiro. https://expresso.pt/economia/economia_turismo/2025-02-04-portugal-e-o-segundo-pais-do-mundo-para-onde-os-turistas-dos-estados-unidos-mais-tencionam-viajar-em-2025-040bdd71
- BLOOM, Harold (2007). "Prefácio". [Ramalho, Maria Irene.] *Poetas do Atlântico. Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-Americano*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 9-11.
- BORGES, Jorge Luis (1989). *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé.
- BORGES, Paulo (2016). "As coisas são coisas? Alberto Caeiro e o Zen". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, Spring, pp. 107-127. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0H1307B>
- BROWN, Susan Margaret (1991). "The Whitman-Pessoa Connection". *Walt Whitman Quarterly Review*, vol. 9, n.º 1, Summer, pp. 1-14. <https://doi.org/10.13008/2153-3695.1302>
- CALVINO, Italo (1994). *Eremita a Parigi*. Milão: Mondadori.
- DIBAR, Santiago Ure (2016). "Caeiro e o Zen". *Ideas*, vol. 2, n.º 2, 2.ª época, "Ensayos de reflexión", pp. 219-225. <https://p3.usal.edu.ar/index.php/ideas/article/view/3980>
- DOVIC, Marijan; HELGASON, Jón Karil (2017). *National Poets, Cultural Saints – Canonization and Commemorative Cults of Writers in Europe*. Leiden: Brill.
- HENDRIX, Harald (2014). "Literature and tourism: explorations, reflections, and challenges". *Lit & Tour: Ensaios sobre Literatura e Turismo*. Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro (org.). Famalicão: Edições Húmus, pp. 19-30.
- GATO, Margarida Vale de (2021). "Fernando Pessoa, poet-translator, 'overwriting' Poe and Whitman". *The Translator*, vol. 26, n.º 4 [Fernando Pessoa and Translation; guest ed., Paulo de Medeiros e Jerónimo Pizarro], pp. 392-408. <https://doi.org/10.1080/13556509.2020.1856760>
- LOURENÇO, Eduardo (2000). *Pessoa Revisitado – Leitura Estruturante do Drama em Gente*. Lisboa: Gradiva.
- LOURENÇO, Sónia (2025). "Turismo já vale 16,6% do PIB em Portugal – mas pode estar a chegar ao limite?". *Expresso*, 14 de Agosto de 2025. <https://expresso.pt/economia/2025-08-14-turismo-ja-vale-166-do-pib-em-portugal-mas-pode-estar-a-chegar-ao-limite-4020d8a3>
- PESSOA, Fernando (2025). *I Am the Size of Whatever I see*. Tradução de Calvin Olsen. Lisboa: Bertrand.
- ____ (2021a). *Heteronimy. Utwory wybrane*. Seleção e tradução de Wojciech Charchalis. Ilustrações de Pio Kaliński. Kraków: Wydawnictwo Lokator.
- ____ (2021b). *我将宇宙随身携带 / I Carried the Universe with Me*. Tradução de Chengyishen. Pequim: Elegance / Beijing United.
- ____ (2013). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2007). *Alberto Caeiro: The Collected Poems*. Translated by Chris Daniels. Oxford: Shearsman Books.
- ____ (2006). *A Little Larger Than the Entire Universe – Selected Poems*. Edição e tradução de Richard Zenith. Londres: Penguin.
- PERRY, Seamus (2026). "Pluralism and the modern poet". *London Review of Books*, 19 Fev., pp. 3-6.
- PIZARRO, Jerónimo (2013). "Apresentação", in: *Livro do Desassossego*. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 11-29.
- QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita (2019). *Estudos em Literatura e Turismo: Conceitos Fundamentais*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Irene Ramalho (2007). *Poetas do Atlântico. Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-Americano*. Porto: Edições Afrontamento.
- SOUSA, Bruno Barbosa; ANJO, Ana Margarida (2020). "Literatura e turismo no digital: o caso de Lisboa e Fernando Pessoa". *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*, vol. 7, n.º 2, pp. 185-201. <https://doi.org/10.21814/rlec.2574>

- WATSON, Nicola J (2022). "Literary Tourist". *Working Definitions in Literature and Tourism – A Research Guide*. Sílvia Quinteiro e Maria José Marques (orgs.). Faro: CIAC – Universidade do Algarve, pp. 93-94.
- ZENITH, Richard (2006). "Introduction: The Birth of a Nation", in: *A Little Larger Than the Entire Universe – Selected Poems*. Londres: Penguin, pp. xiii-xxxii.
- ZHOU, Cristina (2014). "O Mito, o Zen e o Dia Triunfal: reflexões sobre o mito do dia triunfal de Fernando Pessoa / Alberto Caeiro". *Representações do Mito na História e na Literatura*. Ana Luísa Vilela et al. (orgs). Évora: Universidade de Évora, pp. 403-412.

CRISTINA ZHOU é Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se doutorou e concluiu o mestrado em Literatura de Língua Portuguesa. É licenciada em Língua e Cultura Portuguesas pela Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e do DAAD. Tem participado em diversas conferências na Europa, na China, na Coreia do Sul e nos Estados Unidos, com trabalhos dedicados a Fernando Pessoa, ao modernismo e ao diálogo cultural entre a China e a Europa. Atualmente, é diretora executiva do Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra, do Centro CASS-UC de Estudos Chineses e do Centro BFSU-UC de Estudos Sino-Lusófonos.

CRISTINA ZHOU is an Invited Assistant Professor at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra, where she completed her PhD and MA in Portuguese Literature. She holds a BA in Portuguese Language and Culture from Shanghai International Studies University. She was a fellow of the Calouste Gulbenkian Foundation and the DAAD. She has presented at numerous conferences in Europe, China, South Korea, and the United States, with research focusing on Fernando Pessoa, modernism, and cultural dialogue between China and Europe. She is currently the Executive Director of the Confucius Institute at the University of Coimbra, the CASS-UC Centre for Chinese Studies, and the BFSU-UC Centre for Sino-Lusophone Studies.